



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

AMAYA COSTA E SILVA

**BRÁS CUBAS, O MALANDRO BURGUESES DA LITERATURA BRASILEIRA:
PRIVILÉGIOS E *CUMPLICIDADES DA CLASSE DOMINANTE***

MOSSORÓ

2021

AMAYA COSTA E SILVA

BRÁS CUBAS, O MALANDRO BURGUESES DA LITERATURA BRASILEIRA:
PRIVILÉGIOS E *CUMPLICIDADES DA CLASSE DOMINANTE*

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Leila Maria de Araújo Tabosa

MOSSORÓ

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

S586b Silva, Amaya Costa e
Brás Cubas, o malandro burguês da literatura
brasileira: privilégios e cumplicidades da classe
dominante. / Amaya Costa e Silva. - Mossoró, 2021.
48p.

Orientador(a): Profa. Dra. Leila Maria de Araújo
Tabosa.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Machado de Assis. 2. Memórias póstumas de
Brás Cubas. 3. Malandro. 4. Privilégios e
cumplicidades. 5. Sociedade burguesa. I. Tabosa,
Leila Maria de Araújo. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

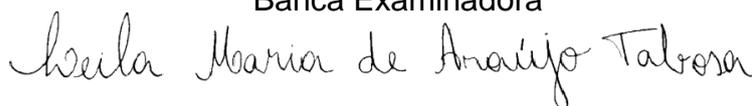
AMAYA COSTA E SILVA

BRÁS CUBAS, O MALANDRO BURGUESES DA LITERATURA BRASILEIRA:
PRIVILÉGIOS E *CUMPLICIDADES DA CLASSE DOMINANTE*

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em : 07/06/2021.

Banca Examinadora



Prof^ª. Pós-Dra. Leila Maria de Araújo Tabosa - UERN
Orientadora



Prof. Me. Edson Pereira da Silva - UERN
Examinador



Prof. Me. Aluísio Barros de Oliveira - UERN
Examinador

Dedico este trabalho à vida! Em homenagem a tantos que a perderam neste ano tão sombrio.

AGRADECIMENTOS

Procurei no dicionário o significado da palavra “gratidão”. Segundo o dicionário da *Oxford Languages*, gratidão é “uma qualidade de quem é grato”, e, também, o “reconhecimento de uma pessoa por alguém que lhe prestou um benefício, um auxílio, um favor”. O que o dicionário da *Oxford* não diz é que essa pessoa quem lhe prestou esse benefício não tinha nenhuma obrigação em fazê-lo, e, se o fez, não espera o mínimo de retorno por isso. Aliás, qualidade essa que só encontramos em um coração puro, prestando o benefício por pura solidariedade e amor.

Tive sorte nesta minha jornada acadêmica em ser cercada por pessoas de coração puro, que sempre me ajudaram sem esperar nada em troca. Fizeram de coração. É difícil o ato de ser grato, alguns o veem como uma fraqueza. Vejo como uma qualidade. Admitir que não somos autossuficientes, e que, do dia que nascemos ao dia que deixarmos esse plano, precisamos sempre do apoio de alguém é algo que nos torna fortes. A vida é uma jornada para ser feita com companhias que somam e amam-te.

Dito isso, ofereço minha gratidão a minha família. A meu esposo, Etero, meus filhos, Vinícius, Vitor e Maria Luísa, minha mãe, e a meus enteados, Gabriel e Joana. Gratidão por suportarem meus dias ruins, minha ansiedade e, principalmente, a minha ausência. Vocês são a minha vida e meu ponto de equilíbrio. Gratidão!

Gratidão também aos meus amigos de jornada uerniana. Luana, Kézia, Eduardo, Sandro, Sabrina, Suzana e Mateus, o que teria sido de mim sem vocês? Essa vitória tem um pouco de cada um de vocês. Nossas vidas se entrelaçaram neste momento tão instável, e esse laço nos fortaleceu e nos guiou nesta caminhada. Jesus sabiamente nos uniu e através desta união conseguimos a nossa vitória. Gratidão, amiga Luana, você é luz! Gratidão, Kézia, minha alma gêmea na escrita! Gratidão, Eduardo, você é nossa alegria! Gratidão, Sandro, tua fé é nossa base! Gratidão, Sabrina, a gentileza personificada! Gratidão, Suzana, “minha mana”, você é fortaleza! Gratidão, Mateus, tua generosidade é grandiosa! Gratidão!

Como afirmei acima, existem pessoas que fazem o benefício sem necessitar de retorno algum. Coloco nesta categoria minha orientadora, professora *postdoc*

Leila Maria de Araújo Tabosa, e a professora mestra Ana Maria Remígio Osterne (neste momento estou em lágrimas). As duas foram meus pontos cardeais nesta pesquisa. Gratidão ainda é pouco para definir o sentimento que tenho em meu coração por vocês.

Leila, você é toda coração. Aquela figura exigente que você demonstrou ser em nosso primeiro encontro em sala de aula não impediu que eu enxergasse que, por baixo desta Pós-Dra., atriz, mãe e “Deusa Barroca”, existe uma menina que é feita de gentileza, amor e compaixão. Você é exemplo de superação! Você é minha inspiração! Gratidão!

Ana, ah! Ana! Como é bom saber que você existe! Saber que outros discentes terão a bênção de lhe ter na vida deles! Você é aquela pessoa que segura nossa mão e só solta quando chegamos ao nosso destino. Gratidão por você ser simplesmente você! Vida! Que você viva intensamente!

Uma enorme gratidão a minha banca avaliadora. Aluísio Barros, meu querido, suas aulas foram de um júbilo imenso. A epifania desta pesquisa, inclusive, tive em uma aula sua. Seu humor e teu amor pela vida é contagiante! Gratidão!

Ao professor Edson Pereira, gratidão por ter me acolhido de forma tão inesperada. Gratidão!

Por fim, gratidão a Deus! Meu Senhor, como foi difícil! Essa montanha-russa de emoções que é viver em meio a uma pandemia só é possível com a Tua misericórdia! Repetir dia após dia “falta pouco, vou conseguir, me sustenta Senhor!” foi uma oração que o Senhor ouviu e abençoou! Gratidão, Senhor, gratidão!

Gratidão a todos que me ajudaram e me fortaleceram nesta jornada. Perdão se faltou alguém aqui. Não se preocupe. Você, com certeza, está em minhas orações. Gratidão!

“O malandro de fato, o esperto bem-sucedido que ‘nunca se dá mal’, é aquele que não aparenta sê-lo.” (GOTO,1988, p. 98).

RESUMO

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, inaugura o período do Realismo no Brasil. Narrada pela personagem Brás Cubas após a sua morte, condição essa que lhe permite um debruçar sobre os fatos sem a preocupação do crivo social. Essa perspectiva machadiana aparentemente descomprometida com a sociedade mostra de forma verossímil os traços da estrutura da sociedade carioca do século XIX, e que, em muitos aspectos, a sociedade brasileira ainda não superou. Brás Cubas é parte integrante da sociedade burguesa carioca, apresenta todos os privilégios de um cidadão que nunca precisou trabalhar para se sustentar. Diante desse panorama, surgem os seguintes questionamentos: seria Brás Cubas um malandro burguês? Como essa personagem se constrói malandro burguês na diegese da obra? Desenvolvemos uma leitura analítica dessa narrativa sob uma perspectiva social, analisando elementos intrínsecos e extrínsecos, onde conseguimos localizar e analisar trechos da obra aliados a toda uma estrutura teórica composta por autores como Antonio Candido (1977), Roberto Schwarz (1987), John Gledson (2003), Alfredo Bosi (1978) e Jessé Souza (2019). Essa pesquisa se divide em: introdução, onde discorremos sobre as motivações desta pesquisa; o capítulo um, que apresenta o título: “Do referencial teórico à perspectiva analítico-metodológica”, no qual abordaremos as teorias que fundamentam esta pesquisa, bem como a nossa metodologia de trabalho; no capítulo dois, “O realismo brasileiro e o caso Machado de Assis”, tratamos sobre o Realismo, bem como a fortuna crítica e seus aspectos no que se refere à obra machadiana; no capítulo três, “*Memórias póstumas de Brás Cubas* e a malandragem burguesa no Brasil”, tratamos de oferecer uma abordagem crítica na qual nossa proposta de pesquisa se desenvolve; e, por último, nossas considerações finais, momento esse dedicado a reflexões sobre a nossa temática e sobre os resultados deste estudo. A motivação da pesquisa consiste em entender as origens de nossa sociedade atual, como também deixá-la como contribuição para futuras gerações.

Palavras-chave: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Malandro. Privilégios e cumplicidades. Sociedade burguesa.

ABSTRACT

The novel *Memórias postumas de Bras Cubas*, by Machado de Assis, inaugurates the period of Realism in Brazil. Narrated by the character Brás Cubas after his death, a condition that allows him to dwell on the facts without the concern of the social acceptability. This *machadiana* perspective apparently uncommitted to society shows in a plausible way the traces of Rio de Janeiro's society structure during the nineteenth century, and that, in many aspects, the Brazilian society has not yet changed. Brás Cubas is part of Rio's bourgeois society since he has got all the privileges of a citizen who never had to work to support himself. Given this panorama, the following questions arise: would Brás Cubas be a bourgeois rogue? How does this character end up being a bourgeois rogue in the diegesis of the work? We developed an analytical reading of this narrative from a social perspective, analyzing intrinsic and extrinsic elements, where we were able to locate and analyze excerpts of the work allied to a whole theoretical structure composed by authors such as Antonio Candido (1977), Roberto Schwarz (1987), John Gledson (2003), Alfredo Bosi (1978) and Jessé Souza (2019). This research is divided into introduction, where we discuss the motivations of this research; chapter one, which presents the title: "From the theoretical framework to the analytical-methodological perspective", in which we will address the theories that underlie this research, as well as our work methodology; in chapter two, "The Brazilian realism and the Machado de Assis case", we discussed about Realism, as well as the critical fortune and its aspect regarding Machado's novel; in chapter three, "*Memórias Póstumas de Brás Cubas* and the bourgeois rogue in Brazil", we tried to offer a critical approach in which our research proposal is developed; and, finally, our final remarks, a moment dedicated to reflections on our theme and on the results of this study. The motivation of the research is to understand the origins of our current society, as well as to leave it as a contribution for future generations.

Keywords: Machado de Assis. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rogue. Privileges and complicities. Bourgeois society.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 DO REFERENCIAL TEÓRICO À PERSPECTIVA ANALÍTICO- METODOLÓGICA.....	15
3 O REALISMO BRASILEIRO E O CASO MACHADO DE ASSIS.....	22
3.1 O Realismo brasileiro.....	22
3.2 O caso Machado de Assis: fortuna crítica, fortuna brasileira.....	24
3.3 Machado de Assis: Obras e o "salto qualitativo".....	27
4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E A MALANDRAGEM BURGUESA NO BRASIL.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, do “Bruxo do Cosme Velho¹” - como é conhecido Machado de Assis - inaugura o período do Realismo no Brasil. Inicialmente, foi publicada em formato de folhetim na *Revista Brasileira*² entre os meses de março e dezembro do ano de 1880, para somente em 1881 ser publicada em formato de livro.

Essa narrativa de um dos maiores escritores brasileiros é protagonizada pela personagem Brás Cubas sob uma perspectiva pós-morte, condição que lhe permite se debruçar sobre os fatos sem a preocupação do julgamento social. Essa peculiaridade torna o enredo falsamente despretensioso, uma vez que essa consciência livre de julgamentos e condenações sociais proporciona uma total confissão de seus atos. Esse Brás Cubas, que, morto, passa a narrar a sua vida sob uma perspectiva descomprometida com a sociedade, mostra de forma verossímil traços da estrutura da sociedade carioca do século XIX, tornando-se praticamente impossível não visualizar certos elementos da obra aliados ao da realidade do século em que transcorre a trama. Ao observarmos esse fato, notamos igualmente uma certa semelhança com a nossa sociedade atual. Diante disso, surgiram questionamentos que reivindicavam uma solução.

Essa sociedade burguesa da qual Brás Cubas faz parte, que, até os tempos atuais, exerce forte influência política, econômica e social, pode estabelecer um paralelo entre a personagem ficcional do século XIX e o indivíduo que vive na sociedade do século XXI, sendo essa a motivação maior que originou esta pesquisa. Estabelecer esse paralelo entre ficção/realidade nos faz compreender o contexto da prosa machadiana, fornecendo-nos elementos para interpretar as bases de nossa tão moralmente afetada sociedade atual.

¹ Expressão usada por Carlos Drummond de Andrade (1959) originada a partir do poema “A um bruxo, com amor”, que faz parte da obra *A vida passada a limpo*.

² “A primeira publicação conhecida por usar o nome de *Revista Brasileira* surgiu a 14 de julho de 1855, denominada *Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria*, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Meneses. Anunciava-se como quinzenal, mas só apareceu o n.º 1. A segunda surgiu em 1857, com a denominação de *Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes*. Durou até 1861, perfazendo quatro volumes. Seu diretor, Cândido Batista de Oliveira (1801-1865), formado em Matemáticas pela Universidade de Coimbra e aluno da Escola Politécnica de Paris, era um cientista e publicava, sobretudo, artigos científicos.”

Disponível em: <https://www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira>. Acesso em 19 out. 2020.

Assim, sendo parte integrante da sociedade burguesa carioca, Brás Cubas possui todos os privilégios de um cidadão que nunca precisou trabalhar para se sustentar. Ele representa, nessa obra literária, de forma magistral, a imagem da sociedade burguesa do século XIX e, ao mesmo tempo, a imagem da nossa sociedade atual. Com base nessa hipótese, surgem os seguintes questionamentos: seria Brás Cubas um malandro burguês? De que maneira essa personagem se constrói como malandro burguês na diegese da obra e como essa imagem figura em nossa contemporaneidade? Responder a essas questões de pesquisa faz parte de nosso compromisso-leitura-análise.

Como eixo norteador dessa pesquisa estão as proposições teóricas dos autores Roberto Schwarz (1987, 2000a, 2000b) e John Gledson (2003), com os estudos por eles formulados envolvendo a temática sócio-histórica da narrativa machadiana, que nos fornecem um alicerce teórico do ponto de vista social da leitura da obra de Machado de Assis.

Com Antonio Candido (1970, 1977, 1989, 1999, 2000, 2006) e suas contribuições na teoria literária sob a égide social, que são características de suas proposições literárias, estabelecemos uma relação entre análise literária e análise social, em uma conexão de transdisciplinaridade possível, orientado pela perspectiva do diálogo entre as ciências humanas.

Ao ler e reler as *Memórias póstumas de Brás Cubas*, além dos questionamentos acima citados, indagamos sobre até que ponto a sociedade vivida pelo autor defunto (ou defunto autor, como indagava a personagem) interfere na criação da sociedade ficcional da obra por Machado de Assis. Acredita-se que através de uma pesquisa de cunho bibliográfico e comparativo possamos construir uma linha coerente para que se possa desenvolver de forma esclarecedora os procedimentos de estudo da diegese da produção machadiana.

Logo, a hipótese que essa pesquisa se ocupa em comprovar é em como se dá a construção da personagem Brás Cubas pela perspectiva de um malandro burguês. Isso será feito por meio da análise dos elementos intrínsecos e extrínsecos que propomos investigar. Para isso, um significativo entendimento da obra Realista, em especial da narrativa analisada por este trabalho, somada à concepção de leituras tendo como aporte o estado da arte envolvendo essa temática, nos revela como uma visão social da criação de Machado de Assis é fundamental na compreensão das sociedades do século XIX e do século XXI.

Aprofundar o conceito de malandro na interpretação da personagem Brás Cubas nos fornece elementos para a crítica literária e social da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Considerando-se a necessidade de significativos conceitos para que se tenham um suporte adequado que alicerce nossa hipótese de leitura, esta pesquisa se divide da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “Do referencial teórico à perspectiva analítico-metodológica”, tratamos de todo o referente teórico pelo qual precisamos percorrer para que esta pesquisa possua elementos categóricos que se coadunem com a nossa proposição investigativa.

A fortuna crítica composta pelos teóricos Antonio Candido (1977), Roberto Schwarz (1987), John Gledson (2003), Alfredo Bosi (1978) e Jessé Souza (2019) compõem os principais nomes da grande galeria de autores que embasam nossos estudos. Por meio do apoio de suas investigações, conseguiremos, através da leitura analítica da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, selecionar fragmentos que nos proporcionem o chão dessa estrada tão pormenorizada. No segundo capítulo deste trabalho, tendo como título “O realismo brasileiro e o caso machado de Assis”, discorreremos sobre as características e contextos do Realismo no Brasil, assim como estudaremos o estado da arte sobre o escritor Machado de Assis, fazendo um breve percurso a respeito das fases de escrita do Bruxo do Cosme Velho e sua notável qualidade narrativa.

O terceiro capítulo dessa pesquisa, “*Memórias póstumas de Brás Cubas* e a malandragem burguesa no Brasil”, apresenta nossa propositura de leitura analítica da supracitada obra, na qual desenvolveremos nossa análise baseada em toda a bibliografia pesquisada, desenvolvendo, assim, teoricamente nossa temática. Nas “Considerações finais”, apresentaremos uma reflexão sobre os resultados obtidos na pesquisa, bem como as possíveis omissões que por nós possam ter sido preteridas, abrindo caminhos, dessa forma, para futuros pesquisadores.

2 DO REFERENCIAL TEÓRICO À PERSPECTIVA ANALÍTICO-METODOLÓGICA

Para a realização da análise da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, é de fundamental importância o aporte teórico de leitura das obras do crítico e sociólogo Antonio Candido, tais como: *A educação pela noite e outros ensaios* (1989), *Iniciação à literatura brasileira* (1999), *Formação da literatura brasileira* (2000), *Literatura e sociedade* (2006), “Dialética da malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)” (1970) e *Vários escritos* (1977), nos quais fornecem proposições de grande valia para a análise e interpretação de obras literárias conduzidas por uma perspectiva social/analítica.

A abordagem sociológica de Antonio Candido nos permite uma aguçada interpretação da literatura brasileira no que diz respeito à história e à sociedade. Por possuir características de uma abordagem crítico-analítica, esse escopo teórico nos oferece um entendimento das sociedades concebidas na ficção da literatura brasileira. Em *Formação da literatura brasileira* (2000), Candido discute a formação da literatura nacional, que, segundo o autor, começa a se “concretizar” a partir do Arcadismo, quando a produção nacional deixa de ser apenas manifestações literárias com temas baseados na literatura europeia para, enfim, exibir elementos nacionais, tendo certa continuidade. Sobre essa mudança de temas, em uma outra produção, *Iniciação a literatura brasileira*, CANDIDO (1999, p. 14) nos diz que

[...] podemos discernir na literatura brasileira um duplo movimento de formação. De um lado, a visão da nova realidade que se oferecia e devia ser transformada em “temas”, diferentes dos que nutriam a literatura da Metrópole. Do outro lado, a necessidade de usar de maneira por vezes diferentes as “formas”, adaptando os gêneros às necessidades de expressão dos sentimentos e da realidade local.

Ainda sobre a literatura brasileira, CANDIDO (2000, p. 23, grifo do autor) discorre:

Para compreender em que sentido é tomada a palavra formação, e porque se qualificam de *decisivos* os momentos estudados, convém principiar distinguindo *manifestações literárias*, de *literatura*, propriamente dita, considerada aqui um sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, embora literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da

literatura aspecto orgânico da civilização. Entre eles se distinguem: a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor, (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos), que liga uns aos outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece sob este ângulo como sistema simbólico, por meio do qual as veledades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade.

Logo, para o crítico, a literatura cumpre um papel fundamental de, por meio da ficção e da lírica, mostrar os movimentos pelos quais a sociedade atravessa no percurso de seu progresso, sendo papel do autor retratar tais evoluções sociais. São esses pormenores deixados pelo escritor que orientam nossa proposta analítica na obra de Machado de Assis. De acordo com Candido (2000, p. 24), a tríade autor-obra-público é a base da literatura. Ainda sobre essa perspectiva, afirma:

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, – espécie de transmissão da tocha entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo. É uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, é o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há Literatura, como fenômeno de civilização.

A literatura observada como um fenômeno de civilização nos encaminha reflexões sobre a civilização/sociedade e a arte, e sua intrínseca ligação, fazendo com que a sociedade real e a ficcional se tornem espelhos que refletem, por meio das obras literárias, as mazelas e costumes da humanidade. Dito isso, buscar esses padrões de comportamento na leitura da obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* nos ajudará a entender a visão machadiana da sociedade do século XIX, municiando-nos, assim, de elementos comparativos para a análise da sociedade contemporânea.

Seguindo a narrativa que aborda o meio literário como um fenômeno de civilização, entendemos essa literatura como um meio catalisador da sociedade. Na obra *A Educação pela noite e outros ensaios* (1989), Antonio Candido pondera, no capítulo “Literatura e subdesenvolvimento”, sobre as sequelas do colonialismo e o posterior subdesenvolvimento da América Latina, análise esta feita perante a leitura da literatura produzida por autores latinos.

O analfabetismo, que mutilava o acesso à literatura, tornando-a elitizada, a dependência cultural, a qual se transportava para as produções literárias, retratando uma ficção distante da realidade local, a forte influência das elites burguesas, as quais influenciam a cultura de massa que servia de meio para alienações políticas, são fatores discutidos por Candido (1989) sobre uma perspectiva literária que nos remete ao Regionalismo.

A discussão sobre o Regionalismo que Candido (1989) aborda revela, em grande parte, um Regionalismo que retratava um “país novo”, e não um “país subdesenvolvido”. Regionalismo esse que teria um certo engajamento dos autores, principalmente em relação às questões nacionais.

Segundo CANDIDO (1989, p.145):

No tempo da que chamei de consciência amena de atraso, o escritor partilhava da ideologia ilustrada, segundo a qual a instrução traz automaticamente todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade. A princípio, instrução preconizada apenas para os cidadãos, a minoria onde se recrutavam os que partilhavam das vantagens econômicas e políticas; depois, para todo o povo, entrevisto de longe e vagamente.

Essa consciência amena do atraso que Candido (1989) se refere acaba por refletir a consciência da sociedade como um todo, que se basta com produções de massa e de baixo teor cultural. Essa consciência, vista por um ângulo estrutural, revela a produção do autor, seja ela consciente ou não, revelada através de sua narrativa, que demonstra de forma ficcional os aspectos sociais de seu tempo.

Sobre essa linha tênue dos traços ficcionais e reais que se exprimem em uma produção literária, Candido (2006) orienta que esse estudo seja pautado de forma bastante delicada, pois, segundo o autor, quando se trata dessa relação entre obra e seu condicionamento social é preciso que se tenha uma devida cautela nas intenções analíticas. De acordo com Candido (2006, p. 13):

antes procurava-se mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão.

Candido (2006, p. 13) ainda explica que:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.

De acordo com o sociólogo, os elementos ditos externos na obra, quando conduzidos pelo autor, se tornam internos, fazendo parte da estrutura da narrativa. Para nossa metodologia proposta por este trabalho, esse entendimento entre “interno” e “externo” é de fundamental importância para o estudo crítico da relação da sociedade ficcional e da sociedade real exposta na obra literária, pois sua relação para a construção da obra e de que forma esses traços se apresentam e se fundem na estrutura da prosa nos levará ao caminho da síntese desta pesquisa.

Para Antonio Candido (2006, p. 15), “a análise crítica, de fato, pretende ir mais fundo, sendo basicamente a procura dos elementos responsáveis pelo aspecto e o significado da obra, unificados para formar um todo indissolúvel”. Ou seja, em se tratando da obra em estudo, faremos essa procura de elementos. A compreensão desses elementos, que não só constituem e são abarcados na obra, mas também se tornam parte da estrutura da criação ficcional, é de essencial valor para a análise crítico/social de uma obra literária. De acordo com os ideais do pesquisador, teremos realizado uma “interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte” (CANDIDO, 2006, p. 16)

Em seu texto “Dialética da Malandragem (caracterização das *Memórias de um sargento de milícias*)”, Candido (1970), através da análise dessa obra do escritor romântico Manuel Antônio de Almeida, faz um retrato de nossa sociedade. Apesar de o texto ter sido publicado em 1970, ainda hoje é muito atual. O grande crítico literário ainda discorre sobre as classes sociais da sociedade, e de sua forma de organização (ou desorganização). O que se tem, de acordo com o sociólogo, seria uma estrutura social baseada na ordem e na desordem, isto é, um lícito e um ilícito. O pesquisador observa ainda que a sociedade é organizada sobre esses pilares. Analisando as *Memórias de um sargento de milícias*, o crítico percorre pelo conceito de malandro que se apresenta em narrativas literárias, destacando a presença dessa temática nessa obra de Manuel Antônio de Almeida.

Antonio Candido (1979) discute as origens malandras utilizando o romance de Manuel Antônio Almeida como fonte comparativa de pesquisa. O crítico literário e sociólogo, através de sua análise estrutural, consegue demonstrar em *Memórias de um sargento de milícias* como esta difere do romance picaresco, no qual o pícaro vai evoluindo moralmente no decorrer da narrativa, transformando-se em uma pessoa moralmente melhor. O romance malandro também é descartado por Antonio Candido (1979), pois, segundo o autor, Leonardinho, personagem principal desse romance, também não viria dessa linhagem de malandros, haja vista esse pícaro do romance malandro ser constituído do estereótipo do malandro que se dá bem em tudo, mesmo suas atitudes sendo moralmente reprováveis. Emerge, então, o conceito de ordem e desordem proposto por Candido (1970), no qual observa o trânsito desse malandro como um indivíduo que tem o acesso livre em todas as camadas da sociedade.

O crítico e sociólogo Roberto Schwarz, nos trabalhos *Ao vencedor batatas* (2000a) e *Um mestre na periferia do Capitalismo* (2000b), faz uma análise das obras de Machado de Assis sob uma visão sociológica. O crítico divide a obra machadiana em duas fases, quais sejam: na primeira, o estudioso atenta para o fato de que, devido a Machado ainda não ter conseguido a sua ascensão social, suas obras são mais contidas e com uma visão do opressor, levando em conta as diferenças de classes da sociedade da época; já na segunda fase, segundo Schwarz (2000b), a narrativa deriva do seu reconhecimento profissional e na melhora de sua condição social de Machado. Desse modo, as narrativas das obras machadianas já são escritas sob a perspectiva do opressor, isto é, da classe dominante.

Ou seja, Machado de Assis, de acordo com Schwarz (2000b), em suas obras, escreveu sobre política, economia, escravidão e, ainda, sobre a sociedade do século XIX, sob os dois ângulos de classe (opressor e oprimido). Para Schwarz (2000b, p. 9), “a fórmula narrativa de Machado consiste em certa alternância sistemática de perspectivas, em que está apurado um jogo de pontos de vista produzido pelo funcionamento mesmo da sociedade brasileira”. Essa “alternância sistemática” a qual Schwarz (2000b) se refere acaba por ser representada por ele sob a teoria do “narrador volúvel”, que é defendida em seus trabalhos. De acordo com o pesquisador (SCHWARZ, 2000b), esse narrador é uma representação da sociedade do século XIX, e se conduz de forma “volúvel” conforme com seus gostos e benefícios. Ou seja, Schwarz (2000b) faz uma análise de cada personagem,

verificando suas estruturas sob a ótica das classes da sociedade do século XIX. Por meio desse estudo, podemos entender a sociedade e suas relações de classe.

De acordo com o sociólogo, Machado de Assis, através de sua produção literária, exercia um compromisso em retratar a sociedade do século XIX. Sobre isso, Schwarz (2000b, p. 9, grifo do autor) discorre:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O “homem do seu tempo e do seu país”, deixava de ser um ideal e fazia figura de *problema*.

A análise desse estilo machadiano observado por Schwarz (2000b), que teve como objetivo a investigação de como Machado de Assis imprimiu em sua prosa essas relações sociais, é que nos fornecerá elementos para nossa análise. Ainda sobre essa impressão das relações sociais, o sociólogo observa que

O romance de Machado de Assis participa da edificação da literatura brasileira, e também da destruição de formas a que as vanguardas a toda parte começavam a se dedicar, como parte da crise geral da cultura burguesa que se anunciava. Um movimento que dá conta da situação do próprio país, o qual procurava constituir-se em nação culta no momento em que a expansão imperialista abria a crise da nacionalidade e da civilização burguesa. (SCHWARZ, 1987, p. 170)

De acordo com o crítico e estudioso, esse movimento pelo qual a sociedade burguesa do século XIX atravessava foi retratado de maneira singular por Machado de Assis. A obra do Bruxo do Cosme Velho demonstra, ficcionalmente, como as mudanças que o novo ideário da burguesa da época eram impostas.

Outro estudioso que figura como necessário nesta pesquisa é Jessé Souza. Advogado e sociólogo, com pós-doutorado em Filosofia e Psicanálise, dedica seus estudos ao entendimento da sociedade brasileira. Com a análise das relações estruturantes entre sociedade real e ficcional, chegamos ao cerne do conceito de malandro através das seguintes obras de Jessé Souza: *A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade* (2018) e *A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro* (2019), nas quais o autor explora as origens da classe média brasileira, traçando um percurso histórico/social sobre a nossa burguesia nacional.

Em suas pesquisas, o sociólogo observa que a literatura representa as ideias e costumes da sociedade. Sobre isso, o autor discorre:

A partir de 1750, também as novas formas literárias dominantes assumem característica especificamente burguesas, como o drama burguês e o romance o psicológico, ou seja, adquirem formas que propiciem tematizar o modo especificamente burguês da nova subjetividade que se constituiu nessa época. (SOUZA, 2019, p. 126)

Diante dessa observação, dialogamos novamente com Roberto Schwarz (1987) para entender a premissa de Jessé Souza (2019). Partindo da premissa que um dos papéis da literatura é retratar as ideias e costumes da época de sua produção, logo, Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, retratou a sociedade brasileira de acordo com seus movimentos de época, especificamente o período da abolição da escravatura, alterando completamente o estilo de vida da sociedade escravocrata brasileira. Dessa forma, inicia-se, assim, um processo de “europeização” da sociedade brasileira, sendo um marco da banalização da servilidade. Sobre isso, Souza (2019, p. 75) observa que:

A posse, real ou suposta, de valores europeus individualistas vai, dessa forma, legitimar a dominação social de um estrato sobre o outro, justificar os privilégios de um sobre o outro, calar a consciência da injustiça ou racionalizá-la e permitir a pré-história da naturalização da desigualdade como percebemos e vivenciamos hoje.

Diante desta citação, vemos o ponto de nossa inquietação: esses valores que acabaram por ser internalizados, gerando, assim, uma sociedade injusta e desigual. É essa sociedade em transformação que Machado de Assis evidenciou em sua obra, e, através do estudo crítico desses elementos expostos, traçaremos uma linha paralela com a sociedade do século XXI.

O estudo da sociedade atual realizado por Souza (2019) nos servirá de suporte teórico para o aguçamento da visão sobre os costumes da atualidade, para, assim, através da leitura analítica dessas obras, visualizar que o malandro perscrutado por esse trabalho não é o pícaro espanhol, tampouco o estereotipado malandro brasileiro, que consegue se dar bem e levar vantagem em tudo, terminando por ser o símbolo nacional. O malandro que buscamos na obra machadiana é aquele que, a todo custo, busca seu lugar no ponto mais alto da sociedade brasileira. Que vê a corrupção como um problema incrustado em seu

DNA, mas não enxerga as mazelas deixadas pela escravidão, criando um redemoinho no qual são empurradas pessoas que não possuem apoio ou conhecimento para alavancar suas vidas.

Assim, é desse nicho social amarelado que surge a burguesia nacional. Aqueles poucos que conseguiram através de algum modo galgar um degrau mais alto na corrida das classes sociais querem a todo custo se manter em seu lugar. Esse malandro burguês é aquele que desdenha dos pobres, exige a total servidão dos menos abastados e vê no capital e no Estado a sua fonte de autopreservação no ápice da pirâmide de classes sociais.

Buscaremos, portanto, nas próximas páginas, essas experiências de vida do narrador - as quais seriam inconfessáveis - para que, com a análise desses trechos, seja possível identificar os traços dessa sociedade fictícia, formulada com base em uma sociedade real, com o propósito de observarmos o modo como a personagem Brás Cubas transita pela obra e se constrói como um malandro burguês.

3 O REALISMO BRASILEIRO E O CASO MACHADO DE ASSIS

3.1 O Realismo brasileiro

O Realismo brasileiro nasce diante de significativas mudanças no ideário nacional. As ideias abolicionistas, liberais e republicanas que permearam a segunda metade do século XIX inspiraram os homens letrados do Brasil. Sobre isso, ensina o professor Alfredo Bosi (1978, p. 163):

De fato, a partir da extinção do tráfico, em 1850, acelera-se a decadência da economia açucareira; o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas, compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de idéias, liberais, abolicionistas e republicanas.

Como resultado desse “deslocamento” de prestígio para o sul, surgem consideráveis transformações políticas e diversos questionamentos florescem. A sociedade tradicional passa a ser questionada. Logo, essas inquietações se tonificam com o advento de novas correntes filosóficas. Sobre o surgimento das novas ideias filosóficas, escreve o professor Antonio Candido (1999, p. 51):

Outra forma de radicalidade foi o movimento das novas idéias filosóficas e literárias que começou mais ou menos em 1870 e se estendeu até o começo do século XX, tendo como núcleo inicial a cidade do Recife, capital de Pernambuco, e sua Faculdade de Direito. Lá e em outros centros, como o Ceará e sobretudo o Rio de Janeiro, desenvolveu-se um agudo espírito crítico, voltado para analisar de maneira moderna a sociedade, a política, a cultura do Brasil, com inspiração, primeiro no Positivismo, de Augusto Conte; em seguida, nas diversas modalidades de Evolucionismo, das quais teve aqui maior voga a filosofia de Herbert Spencer. Acrescente-se a divulgação das novas ciências como Biologia, Lingüística, Etnografia, Antropologia, Física.

De fato, essas novas correntes encontram seu público nas universidades, que são motivadoras socioculturais, sendo, assim, de grande valia para as transformações pelas quais o Brasil se metamorfoseou. A classe letrada, no chamado “Novo ideário”, dito por Alfredo Bosi (1978), foi a impulsionadora na transição do Romantismo para o Realismo. Temas como a natureza, o amor, a mulher, a pátria, passam a ser confrontados pelas ideias positivistas, evolucionistas, e, também, pelo determinismo; os sentimentos perdem o lugar para a realidade, para o cientificismo.

Sob essas perspectivas se edificará o Realismo brasileiro. Segundo Candido (1999), a partir desse momento o *sistema* literário brasileiro estará formado, com produções contínuas e escritores ativos, possuindo, ainda, uma emergente propagação das obras, iniciando, dessa maneira, uma tradição literária. A narrativa de costumes e o olhar verossímil passam a ser uma constância nas produções realistas. A preocupação do autor, a partir de então, é retratar os personagens e o enredo da obra mostrando suas angústias, dificuldades e, principalmente, suas mazelas perante a sociedade burguesa em franca ascensão.

A *função social*³ que Antonio Candido aborda em *Literatura e sociedade* (2006) começa a tomar forma e aparece consciente (ou inconscientemente) em obras realistas, que, alicerçadas sob ideais sociais mais presentes, universalizaram as obras do período Realista. Nomes como Aluísio de Azevedo, Raul Pompeia e principalmente, Machado de Assis, começam a figurar como os principais representantes do Realismo.

³ “Considerada em si, a função social independe da vontade ou da consciência dos autores e consumidores de literatura. Decorre da própria natureza da obra, da sua inserção no universo de valores culturais e do seu caráter de expressão, coroada pela comunicação.” (CANDIDO, 2006, p. 54)

3.2 O caso Machado de Assis: fortuna crítica, fortuna brasileira

A fortuna crítica em torno de Machado de Assis é imensa e aborda as várias facetas da obra machadiana. Sobre Machado de Assis, Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira* (1978, p. 180, grifo do autor), afirma que, com ele, atingiu-se o ponto mais alto e equilibrado da prosa realista brasileira. Para o crítico literário,

Machado teve a mão de artista bastante leve para não se perder nos determinismos de raça ou de sangue que presidiram aos enredos e estofariam as digressões dos naturalistas de estreita observância. Bastava ao criador de *Dom Casmurro*, [...] observar com atenção o amor-próprio dos homens e o arbítrio da fortuna para reconstruir na ficção os labirintos da realidade.

Para Bosi (1978), as obras de Machado de Assis tiveram equilíbrio formal e profundidade que direcionaram a prosa brasileira ao universalismo. Seu estilo irônico e pessimista conduziram a prosa machadiana a um lugar próprio na literatura nacional, tornando suas obras relíquias da sociedade cultural brasileira.

Outro pesquisador que dedica seus estudos a Machado de Assis é Augusto Meyer, com a obra “O romance machadiano: o homem subterrâneo (1982)”. O estudioso defende que existe uma *complexidade tematólogica* nas obras de Machado de Assis e uma multiplicidade de temas que são abordados em uma mesma obra, culminando em um trânsito fácil por temas como o adultério e a loucura, que são rodeados pela alta sociedade carioca. Machado utiliza de sua ambiguidade irônica que, segundo Meyer (1982, p. 365), “é o seu tema essencial” para engendrar as angústias cotidianas de suas personagens, inserindo essas em todo o contexto da sociedade fluminense.

Antonio Candido (1999, p. 53) chama a atenção para a universalidade das obras de Machado de Assis. Segundo o pesquisador, “ela tem, sobretudo, a possibilidade de ser reinterpretada à medida que o tempo passa, porque, tendo uma dimensão profunda de universalidade, funciona como se se dirigisse a cada época que surge”. Candido (1999, p. 54) ainda diz que

A sua linguagem não tem a banalidade de um, nem a ênfase do outro: tem a simplicidade densa que é produto extremo do requinte e a fascinante clareza que encobre significados complexos, de difícil avaliação. Em face da sua obra, toda conclusão do leitor é um risco, porque nela o senso do mistério que está no fundo da conduta se traduz por um desencanto aparentemente desapaixonado, mas que abre a porta para os sentidos alternativos e transforma toda noção em ambigüidade.

O crítico chama a atenção para a arte de Machado de Assis em falar sobre algo, sem necessariamente expor seu ponto argumentativo. As entrelinhas machadianas são armadilhas que apenas um leitor atento é capaz de identificar. Essa ambigüidade, tão presente nas obras do Bruxo do Cosme Velho, deixam pormenores na diegese das narrativas que somente um leitor atento desvendará os subterfúgios que o enredo proporcionado por Machado de Assis é capaz de imprimir.

No prefácio de sua criação intitulada *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (2000b), Roberto Schwarz discorre sobre o compromisso de Machado de Assis com a universalidade de suas obras. De acordo com o pesquisador,

homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. O crítico buscava assegurar aos brasileiros o direito à universalidade das matérias, por oposição ao ponto de vista “que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local”. Pode-se dizer também que reivindicava o melhor do legado romântico — o sentimento da historicidade — contra a aliança em voga de pitoresco e patriotismo, que naquela altura já se revelava uma prisão para a inteligência. (SCHWARZ, 2000b, p. 8)

De acordo com Roberto Schwarz (2000b), a narrativa de Machado de Assis estaria atrelada aos elementos sócio-históricos, atribuindo, assim, a sua obra toques da sociedade real.

Ainda discorrendo sobre essa perspectiva da ambigüidade que dissimulava as narrativas machadianas, Brito Broca (1982), em “Jornalista político”, texto que aborda um Machado de Assis sob um ângulo político, já dissertava sobre as críticas sofridas pelo escritor por alguns críticos literários, que o acusavam de não ser engajado nas lutas sociais do século XIX, principalmente nas questões abolicionistas e republicanas.

Sobre tal assertiva, Broca (1982, p. 365) afirma:

É tempo de cessar o equívoco. Foi um clérigo que não traiu, mas que não construiu no abstrato. Mostrou-se mesmo inteiramente avesso às

abstrações. Tudo nos seus romances e contos está ligado a uma realidade concreta, às flutuações do meio fluminense, aos usos e costumes da época, sob o signo das instituições que nos regiam. Como admitir num espírito em tais condições, num ficcionista que só trabalhava na matéria viva do ambiente social, a indiferença pelos acontecimentos políticos? Certamente Machado de Assis não se “comprometia”, não tomava partido, mas participava intimamente dos fatos e formava juízo sobre eles.

Machado de Assis descrevia em suas narrativas de costumes um perfeito retrato da sociedade do século XIX. Geralmente, seus narradores faziam parte da classe burguesa. Logo, a visão descortinada em suas obras era da classe dominante. Em *Machado de Assis: ficção e história*, John Gledson (2003) já propõem esse caminho narrativo ligado aos acontecimentos históricos do Brasil do século XIX.

Gledson (2003, p. 32) explica que em sua abordagem, diferentemente das anteriores, que focavam em desmitificar o mito no qual Machado de Assis não era preocupado com as questões políticas do Brasil, mas orientava essa averiguação sem focar na interpretação dos romances, é praticada a “exposição sobre a maneira pela qual essa visão da história molda os próprios romances.”

Diante de tão engenhosa arte narrativa, Roberto Schwarz, no posfácio da 2ª edição da obra de Gledson (2003, p. 320), faz uma síntese da narrativa machadiana:

a celebrada obra machadiana de ligar tudo a tudo, ou nada a nada, é também uma arte do despistamento, da descontextualização escarninha. Disfarçado nos meandros digressivos corre o fio da crítica social, muito mais metódica e devastadora do que se supunha, mudando o sentido à frivolidade da prosa.

Ao realizar esse exame, Schwarz (GLEDSON, 2003) leva em consideração não somente as crônicas e romances machadianos, mas sua continuidade em outros gêneros literários, como os contos e as peças teatrais. Seu estilo se mantém. O “ligar tudo a tudo, ou o nada a nada” exige do leitor uma atenção, para que a ambiguidade e a ironia não o afastem do real contexto das intenções da prosa de Machado de Assis.

Certamente, a universalidade empregada pelos enredos machadianos fez o escritor carioca um destaque em território brasileiro e mundial. Em uma publicação de 4 de junho do ano de 2020, no *web site* da revista *Veja*⁴, fala-se sobre um artigo

⁴ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/redescoberto-machado-de-assis-e-exaltado-por-revista-americana/> Acesso em 04 fev. 2021.

publicado na renomada revista norte-americana *The New Yorker*⁵, de autoria do escritor Dave Eggers⁶, no qual o autor faz elogios à escrita de Machado. Eggers ainda discorre sobre a sagacidade do texto, como também da atemporalidade do tema. Outro ponto que mereceu destaque no artigo foi metalinguagem utilizada por Machado de Assis.

O artigo de Dave Eggers pode ser lido também no prefácio da mais recente edição de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, que foi lançada no ano de 2020 nos Estados Unidos da América, e que, segundo a publicação da revista *Veja*, já estaria esgotada em todos os sites de vendas, mostrando o sucesso absoluto do *Bruxo do Cosme Velho* em terras estadunidenses.

Esse fato só vem a comprovar como a literatura detém o poder de transpor barreiras e fronteiras, e como uma narrativa perspicaz e engenhosa como a praticada por Machado de Assis pode cativar povos de diferentes culturas.

Os apontamentos direcionados pelos teóricos trabalhados nessa seção nos levam a perceber que a leitura da obra de Machado de Assis deve ser atenta e crítica, pois, por trás de sua prosa de linguagem formal e “descomprometida”, existe um estilo que se vale da ambiguidade, da ironia, do pessimismo e da metalinguagem para mascarar suas reais intenções. Revelar os costumes da sociedade sem que a sociedade note que ela está sendo revelada foi a grande artimanha literária do *Bruxo do Cosme Velho*.

3.3 Machado de Assis: obras e o "salto qualitativo"

A produção de Machado de Assis é extremamente rica e diversa. O autor trafega na poesia, no romance, teatro, contos e crônicas. Seus escritos, convencionalmente, se dividem em duas fases: primeira fase (ou fase romântica), e segunda fase (ou fase madura).

Na primeira fase, o narrador machadiano tem o seu momento mais ligado ao viés antigo da tradição romântica. Obras como *Ressurreição* (1872), *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), *Iaiá Garcia* (1878), na prosa; *Desencantos* (1861), *Teatro*

⁵ Disponível em: <https://www.newyorker.com/> Acesso em: 04 fev. 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.newyorker.com/books/second-read/rediscovering-one-of-the-wittiest-books-ever-written> Acesso em 04 fev. 2021.

(1863), *Quase Ministro* (1864), no teatro; *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875), na poesia; e *Contos Fluminenses* (1870) e *Histórias da Meia-Noite* (1873), no conto, emergem como significativos representantes de sua fase mais romântica.

Segundo José Veríssimo (1915, p. 188):

Havia entretanto no primeiro romance de Machado de Assis e ainda mais talvez nos que mais de perto o seguiram, *A mão e a luva* (1874), *Helena* (1876), visíveis ressaibos de romantismo senão do Romantismo. Temperava-os, porém, já, diluindo-os num sabor mais pessoal e menos de escola, e sua nativa ironia e a sua desabusada visão das cousas, que o forravam ao romanesco, à sentimentalidade amaneirada que tanto viciou e desluziu a nossa ficção. E, mais dons de expressão em que ficou até agora único e que, sob este aspecto ao menos, o sobrelevam a todos os nossos escritores, e, não receio dizê-lo, ainda aos portugueses seus contemporâneos.

Esse tom mais romântico era mesclado com o estilo próprio de Machado de Assis, a ironia, pessimismo e ceticismo, aliados a uma linguagem formal com muito zelo, tendo como tema central a mescla entre o amor e o nacionalismo contido. A segunda fase, ou fase madura, é tida como sua melhor. O autor se desprende do sentimentalismo. Enquanto sua poesia fica mais apurada e formal, a prosa assume temas filosóficos. O pessimismo enraíza-se na trama e a análise psicológica dos personagens atinge o ápice das narrativas. Além disso, sua técnica também evolui. Machado de Assis passa a brincar com o leitor. O humor se faz presente por meio de capítulos curtos possuindo uma linguagem impecável associada a uma preocupação em retratar a sociedade fluminense do século XIX.

Contos como os presentes em *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1895), e ensaios e crônicas reunidos em obras, a exemplo de *Páginas Recolhidas* (1899) e *Relíquias da Casa Velha* (1906), a poesia representada por *Poesias Completas* (1901), e suas obras máximas na prosa, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899), *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), que encerram a produção de Machado de Assis, elevam ao título de gênio da literatura brasileira, segundo Veríssimo (1915).

Assim, a análise sobre a produção machadiana na literatura brasileira figura sobre a sua genialidade narrativa. O autor carioca, em suas obras, retratou a sociedade brasileira em seu puro estado. Usou do seu estilo pessimista e irônico

para universalizar os arquétipos de nosso corpo social. Suas obras, até a atualidade, possuem a verossimilhança com os costumes atuais. Machado soube, por meio de sua escrita, retratar a sociedade do século XIX em sua obra, traçando, principalmente através de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, uma radiografia dos costumes e tipos que compunham a sociedade fluminense. Fato que só comprova a sua genialidade à frente de seu tempo.

Machado de Assis se torna a grande fortuna da literatura brasileira, pois, por meio de sua obra, assumiu o compromisso de retratar as mazelas e costumes do povo brasileiro. Sua arte é viva e completa, e sem dúvidas, aplaudida pelo mundo.

4 MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E A MALANDRAGEM BURGUESA NO BRASIL

A obra *Memórias póstumas de Brás Cubas*, doravante MPBC, é datada de 1880. Originalmente em folhetim, somente no ano seguinte, 1881, que será publicada em formato de livro. Segundo o teórico Massaud Moisés, em nota preliminar da edição de 1963 de MPBC, pela editora Cultrix, Machado de Assis, em seu auge como escritor, possui um aprofundado conhecimento de obras e autores diversos, com quem possuía certa afinidade. Devido a esse contato com uma pluralidade de pensamentos e culturas, passa agora a se debruçar, em sua narrativa, sobre temas psicológicos e sociais.

Ainda de acordo com Massaud Moisés (ASSIS, 1963, p.11), “a sátira, a ironia” e o humor ácido atingem seu ápice a partir de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, obra essa que irá inaugurar a fase de desprendimento das amarras do Romantismo e do cometimento de Machado de Assis. Conforme o teórico (ASSIS, 1963, p.13), Machado se ocuparia, a partir de então, a “revelar o ridículo ou o absurdo da vida humana quando vista em profundidade”.

A obra, concebida em um século de profundas mudanças de cunho mundial e nacional, reflete fortes influências das ideias do século XIX no Brasil, por exemplo: chegada da Família Real em 1808, a Independência do Brasil em 1822, e, principalmente, a promulgação da Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, e a Lei Áurea, em 1888, que proibiam, respectivamente, o tráfico negreiro e libertavam os escravos. Esse contexto contribuiu para o início de uma fase de extremas mudanças em solo nacional, tanto sob a ótica econômica, como social, fato que se reverbera também nas artes.

A oligarquia da cidade do Rio de Janeiro, os escravos alforriados e os comerciantes e os agregados, figuras essas que representam a sociedade brasileira do século XIX, são retratadas na ficção machadiana por meio das suas personagens, de modo a construir uma narrativa ágil e engenhosa, sinalizando um enredo no qual demonstra os costumes que alicerçaram as bases de nossa sociedade atual.

A peculiaridade de um memorialista defunto autor (ou autor defunto, como indaga o narrador) recai sobre a obra de maneira deveras sagaz, pois esse

memorialista que exprime as suas experiências de vida com total domínio sobre o tema é contemplado diante de sua condição de defunto. A refletir sobre essa narrativa de experiências, sem o julgamento das convenções sociais, esse relato de memórias será munido de toda a carga de sentimentos que um memorialista “vivo” teria demasiado receio em confessar.

Como já afirmamos anteriormente, Machado de Assis, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, apresenta uma variedade de tipos que ajudam a traçar a narrativa memorialista do narrador (Brás Cubas). Essas personagens são conduzidas de acordo com as atitudes e vontades do protagonista. De acordo com Roberto Schwarz (2000b), o narrador de MPBC seria um “narrador volúvel”. Sobre isso, Schwarz (2000b, p. 21) diz:

Enfim, buscando generalizar, digamos que o narrador não permanece igual a si mesmo por mais de um curto parágrafo, ou melhor, muda de assunto, opinião ou estilo quase que a cada frase. Com ritmo variável, a mobilidade vai da primeira à última linha do romance. Em lugar de acompanhá-la passo a passo, o que no limite levaria a uma paráfrase completa, tratemos de entender-lhe a lógica.

Ao discorrer sobre esse assunto, Schwarz (2000b) dialoga sobre as constantes contradições e mudanças de estilos e assuntos que o narrador desenvolve durante a prosa. Para o pesquisador, o narrador, a todo momento, se enaltece e busca uma supremacia, ao mesmo tempo que é interposto por sucessivas reviravoltas que, ainda de acordo com Schwarz (2000b, p. 21), “se acompanham por uma satisfação de amor-próprio do narrador”.

Logo, o que se vê nas *Memórias póstumas de Brás Cubas* é um narrador memorialista que direciona a prosa de acordo com sua visão e suas vontades, valendo-se de sua posição oligárquica de superioridade burguesa para conferir aos demais personagens as suas veleidades.

Sendo Brás Cubas um narrador volúvel, e partindo da perspectiva de que a obra retrata as relações de classe do século XIX, o protagonista, como um legítimo representante das oligarquias burguesas do período em questão, é possível observar que essa volubilidade do narrador estaria também condicionada e representa as profundas mudanças na qual a sociedade vinha sofrendo, tanto economicamente, quanto socialmente:

Reatando com a prosa do *Brás Cubas*, vejamos que a sua forma reproduz implicações estruturais do quadro histórico acima. Faz parte da volubilidade, como a descrevemos, o consumo acelerado e sumário de posturas, idéias, convicções, maneiras literárias etc, logo abandonadas por outras, e portanto desqualificadas. O movimento recorre ao estoque das aparências esclarecidas, através do qual, no limite, destrata a *totalidade* das luzes contemporâneas, as quais subordina a um princípio contrário ao delas, que em consequência ficam privadas de credibilidade. Trata-se do movimento mesmo que a História permitia ou impunha à classe dominante brasileira tomada em bloco. Também esta devia visitar e absorver a cultura relevante do tempo, para patrioticamente aclimatá-la no país, ou seja, associá-la ao instituto da escravidão, cujo núcleo de dominação pessoal discricionária contudo zombava da pretensão civilizada e já não era sustentável de público. (SCHWARZ, 2000b, p. 28, grifo do autor)

Em vista disso, essa volubilidade sustentada por Schwarz (2000b) demonstra que, através de uma leitura atenta do narrador Brás Cubas, é possível verificar as mudanças que a elite do século XIX vinha sofrendo em decorrência das evoluções ideológicas e sociais que o Brasil vinha atravessando. Essa veleidade que o protagonista representa na obra seria o espelho da malandragem burguesa que tentava a todo custo manter suas tradições e, ao mesmo tempo, buscava trafegar nas novas correntes ideológicas.

Sobre esse tráfego, Antonio Candido (1970) bem relatou em seu ensaio “A dialética da Malandragem”, quando discorreu sobre a “ordem e a desordem” que demonstra esse trânsito das classes entre si e o movimento do “lícito e do ilícito”, que constantemente é feito pela elite brasileira.

No trecho abaixo, conseguimos identificar essa necessidade de manter as tradições juntamente com esse movimento entre o “lícito e o ilícito”. Descreve o narrador machadiano em sua obra:

até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a série de meus avós - dos avós que a minha família sempre confessou, - porque o Damião Cubas era afinal de contas um tanoeiro, e talvez mau tanoeiro, ao passo que o Luís Cubas estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei Conde da Cunha. Como este apelido lhe cheirasse excessivamente a tanoaria, alegava meu pai, bisneto do Damião, que o dito apelido fôra dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros. Meu pai era homem de imaginação [...] Releva notar que êle não recorreu à inventiva senão depois de experimentar a falsificação; primeiramente, entroncou-se na família daquele meu famoso homônimo, o capitão-mor, Brás Cubas, que fundou a Vila de S. Vicente, onde morreu em 1592, e por êsse motivo é que me deu o nome de Bras. Opôs-se-lhe, porém, a família do capitão-mor, e foi então que êle imaginou as trezentas cubas mouriscas. (ASSIS, 1963, p. 28)

Quando tece comentários sobre a origem da família Cubas, Brás revela que é duvidosa, e, para trazer certo brilho a origem familiar, seu pai forja suas origens. A personagem faz questão de distratar a sua origem mais humilde (Damião Cubas), “afinal de contas um tanoeiro”, ao passo que enaltece Luís Cubas por esse ter estudado em Coimbra e possuir relações com a corte.

A sede por uma origem nobre e de notada celebração é tamanha que faz surgir um fictício “aparentamento” com o capitão-mor Brás Cubas⁷, que foi o ilustre fundador da Vila de São Vicente. De origem portuguesa, este foi um fidalgo que viveu no Brasil e por aqui estabeleceu família, detendo certa fama e realizando alguns feitos.

Outro ponto que se deve considerar com esse fragmento é o fenômeno existente até os dias vigentes: a valorização demasiada do que é estrangeiro. A partir dessa necessidade de valoração, principalmente ao europeu e ao norte-americano, inicia-se, então, o vergonhoso processo do “complexo de vira-lata”, que, de acordo com Jessé Souza (2019, p. 28), “iriam construir o brasileiro como pré-moderno, tradicional, particularista, afetivo e, para completar, com uma tendência irresistível à desonestidade”. Temos, diante disso, a base da elite brasileira do século XXI.

Considerando essa “tendência irresistível à desonestidade”, anos após sua partida do Brasil para Portugal, onde, em Coimbra, Brás forma-se em Direito, o narrador realiza suas reflexões sobre seus anos de estudo. Vejamos abaixo:

A Universidade esperava-me com as suas matérias árdias; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estróina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de

⁷ Braz Cubas, o “pai” da cidade de Santos. Disponível em: <http://memoriasantista.com.br/?p=5310> Acesso em 23 mar. 2021.

gozar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante. (ASSIS, 1963, p. 61)

Brás deixa bem claro o quanto sua formação foi medíocre e não se envergonha em dizer que foi um acadêmico “folião, estróina, tumultuário e petulante”. Mesmo diante desse fato, o narrador ainda se sente “logrado e orgulhoso”, deixando fluir, sob o atestado de sua diplomação “um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver”. Para seu futuro, o protagonista já define o que será importante e deixa claro que apenas quer gozar a vida, não possuindo nenhuma intenção de trabalhar. Logo, sua formação medíocre não o impede de ser soberbo.

Padecendo sobre tais reflexões, resgatamos um trecho de *Um mestre na periferia do capitalismo* (2000b, p. 38), no qual Roberto Schwarz discorre sobre a volubilidade do narrador:

Volubilidade, em abstrato, é o oposto de constância. Neste plano acaciano ela não é boa nem má, pois os homens podem ser felizes e infelizes sendo constantes ou volúveis, e nunca são uma coisa só. O volúvel Brás Cubas entretanto desde a primeira linha do romance vai sentar-se no banco dos réus, verdade que para rir do leitor. Não quer defender a volubilidade, que de fato é culpada, mas evidenciar a impotência de seus adversários, e gozar da própria impunidade.

É necessário que entendamos o modo como a moral e a veleidade de Brás Cubas, a todo instante da obra, tentam demonstrar sua superioridade, ao mesmo tempo que, como bem observou Schwarz (2000b), exhibe seus atos venais, mas adquirindo, diante de sua “condição” de defunto, a sua imunidade. Como ainda complementa Schwarz (2000b, p. 16), “trata-se da satisfação maligna de rebaixar e vexar, de anunciar que os desplantes do narrador não vão se deter diante de nada, que não ficará pedra sobre pedra”. Para Brás Cubas, como já afirmamos anteriormente, seu estado de defunto-autor lhe confere a soberania de narrar sem escrúpulos todos os seus atos, e, sendo o protagonista “símbolo de uma classe”, como articulou John Gledson em *Machado de Assis: ficção e história* (2003, p.127), o narrador passa representar a consciência da oligarquia do século XIX. É justamente através disso, dessa consciência, que Machado escreveu sobre fatos que ocorriam na época.

A duvidosa personalidade de Brás Cubas tem seus representantes até os dias atuais. Ao explicar o sadomasoquismo social⁸, Jessé Souza (2019) faz uma reflexão com um trecho da obra de Gilberto Freyre, *Casa-grande e Senzala* (2003), no qual Freyre sustenta a tese de que os brasileiros de classe elevada se sentem aparentados com Brás Cubas. Ou seja, existiria um gosto internalizado no brasileiro em praticar atos de extrema perversidade sobre aqueles de classe social mais baixa que a sua.

Souza (2019) discorre, também, sobre as classes superiores que originaram as elites e o indivíduo moderno, analisando o ócio entre essas classes. Para Souza (2018), “as classes superiores tinham sua nobreza confirmada pelo fato de que não trabalhavam, sendo o ócio e a contemplação atributos que conferiam honra e nobreza.”

É importante que não fuçamos e tenhamos sempre como base de perspectiva de análise o contexto histórico de profunda mudança nas bases política e social do século na qual a obra foi concebida, focalizando a figura de Brás Cubas como “símbolo de uma classe”, entendendo que sua diegese se formatará de acordo com as mudanças que essa classe estava sofrendo no período.

As leis abolicionistas acabaram por criar uma classe que tinha um trânsito livre em todos os setores da sociedade. Os agregados, geralmente mulatos ou mestiços, foram resultados da abolição. Eram pessoas sem nenhuma formação que viviam de trabalhos subalternos ou agregados nas grandes famílias da oligarquia.

Dona Plácida, sem dúvida alguma, é uma legítima representante de classe de agregados que tinham suas vidas à mercê das vontades de seus “benfeitores”. Sobre ela, o venal narrador pondera:

Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam. — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia. (ASSIS, 1963, p. 123)

⁸ Jessé Souza (2019, p. 53) discorre sobre as maldades praticadas por Brás Cubas com os negros da casa.

A carga semântica utilizada pelo narrador nesse trecho é deveras negativa. Segundo Brás, e seguindo seu raciocínio sombrio, à Dona Plácida só cabia a dor do trabalho duro e das mazelas que esse lhe afligia. Vale ressaltar que Dona Plácida foi agregada da família de Virgília, sendo sua alcoviteira em seu romance proibido com Brás Cubas, algo que a fez se desapegar de seus conceitos morais em relação ao casamento.

Sobre Dona Plácida, Roberto Schwarz (2000b, p. 68) discorre:

A vida de Dona Plácida cabe em poucas linhas, onde alternam os trabalhos insanos, as desgraças, doenças e frustrações, o que em si não seria notável, nem suficiente para explicar o efeito atroz do episódio. A pobre mulher costura, faz doces para fora, ensina crianças do bairro, tudo indiferentemente e sem descanso, “para comer e não cair”. Cair, no caso, serve de eufemismo para contingências como pedir esmola na rua ou faltar aos bons costumes, degradações estas a que no entanto não haverá como fugir, conforme anota o narrador, com evidente satisfação. Adiante, forçada pela miséria, Dona Plácida acaba prestando serviços de alcoviteira, embora seja uma devota sincera do casamento e da moralidade familiar. Do mesmo modo, apesar de incansavelmente trabalhadora, chega o momento em que se vê obrigada a buscar a proteção de uma família de posses, à qual se agrega, o que tampouco impede que morra na indigência. Em suma, a vida honesta e independente não está ao alcance do pobre, que aos olhos dos abastados é presunçoso quando a procura, e desprezível quando desiste, uma fórmula, aliás, do abjeto humor de classe praticado por Brás e exposto por Machado de Assis.

O crítico discorre sobre a difícil vida de Dona Plácida, o quanto que ela sofreu e trabalhou, caminho que a levou a se tornar uma agregada, passando, inclusive, por cima de seus conceitos morais. Schwarz (2000b, p. 68) ainda chama atenção para o fato de uma vida melhor “não está ao alcance do pobre”.

A citação acima de Roberto Schwarz só nos faz refletir ainda mais sobre a servilidade dos agregados e quão pouco valiam para seus chamados “benfeitores”. Brás Cubas, como um genuíno representante da oligarquia do século XIX, exerce sua sordidez no trato com Dona Plácida. Contudo, tenta dissimular esse ato para parecer gentil ou considerá-la uma “igual”. Mas, em sua consciência, detém a certeza da “inferioridade” da agregada, incutida pela sociedade e pelos donos do poder. Podemos constatar isso nesse pequeno trecho: “note-se que, longe de termos horror ao método, era nosso costume convidá-lo, na pessoa de D. Plácida, a sentar-se conosco à mesa; mas D. Plácida não aceitava nunca” (ASSIS, 1963, p. 120).

De acordo com Jessé Souza (2019, p. 57), dissertando sobre a sociologia do agregado, a classe agregada, como um capataz das elites, desempenha um papel de confiança, mas certa “ambiguidade de ascensão social”. Conforme Schwarz (2000b), “na intimidade do pensamento, o homem rico admite sem dificuldade a dimensão funcional da miséria, cuja finalidade na terra, se existe, é de lhe proporcionar vantagens”. Ou seja, para Brás, a única serventia da vida de Dona Plácida foi a de servi-lo.

Essa servilidade é novamente validada por Brás Cubas no episódio do almocreve, quando este salva sua vida. O protagonista considera o pagamento além do que era devido e, de acordo com Brás, o almocreve apenas “cedeu a um impulso natural”, estando no local justamente no momento de seu incidente. Isso o fazia apenas “instrumento da providência”, isto é, a servilidade para as classes superiores é resultado de um merecimento divino.

Ainda sobre a servidão, Quincas Borba, o filósofo, grande amigo e confidente de Brás Cubas, divaga: “O que o teu criado tem é um sentimento nobre e perfeitamente regido pelas leis do Humanitismo: é o orgulho da servilidade” (ASSIS, 1963, p. 196). A intenção Quincas é demonstrar que a servidão se enraíza de tal forma que aquele que serve chega a pensar que é tão importante quanto o seu “protetor” e considera-se orgulhoso em servir a alguém de posses, como se ele, também, partilhasse de tais posses. Notamos, assim, a fragilidade da condição das pessoas mais pobres, na qual a servilidade chega a ser vista como uma vantagem ou até mesmo uma virtude.

Esse sentimento de orgulho em servir e se achar com posses acaba por gerar uma certa simpatia em Brás Cubas, quando em seu brevíssimo envolvimento com Nhã-Loló. O narrador demonstra estima pela moça ao observar que detém um pouco de ojeriza sobre as atitudes do pai e seu interesse em coisas populares. Vejamos o trecho:

O que vexava a Nhã-loló era o pai. A facilidade com que êle se metera com os apostadores punha em relevo antigos costumes e afinidades sociais, e Nhã-loló chegara a temer que tal sogro me parecesse indigno. Era notável a diferença que ela fazia de si mesma; estudava-se e estudava-me. A vida elegante e polida atraía-a, principalmente porque lhe parecia o meio mais seguro de ajustar as nossas pessoas. Nhã-loló observava, imitava, adivinhava; ao mesmo tempo dava-se ao esforço de mascarar a inferioridade da família. Naquele dia, porém, a manifestação do pai foi tamanha que a entristeceu grandemente. Eu busquei então diverti-la do assunto, dizendo-lhe muitas chanças e motes de bom-tom; vãos esforços,

que não a alegravam mais. Era tão profundo o abatimento, tão expressivo o desânimo, que cheguei a atribuir a Nhã-loló a intenção positiva de separar, no meu espírito, a sua causa da causa do pai. Este sentimento pareceu-me de grande elevação; era uma afinidade mais entre nós. — Não há remédio, disse eu comigo, vou arrancar esta flor a este pântano. (ASSIS, 1963, p. 169)

Para Brás Cubas, o ato de o pai de Nhã-Loló se envolver com apostadores se caracteriza como em ceder a “antigos costumes e afinidades sociais”. Diante disso, considera-se devido ao fato de seu pai e a própria Nhã-Loló tentarem a todo custo aparentarem ser de outra casta social. Brás vê o descontentamento da moça com o ato de seu pai com bons olhos, pois, para ele, essa qualidade de sentir-se superior era de gerar admiração. Esse fato é de fácil comprovação, pois o protagonista se propõe a separar suas considerações sobre o pai da moça das considerações devidas a ela, intenção essa que lhe gerou um certo orgulho pessoal, pois admite para si que “este sentimento pareceu-me de grande elevação”. Assim, para Brás, as classes consideradas abaixo da classe da personagem, ou até mesmo a pobreza propriamente dita, era um grande pântano, e, para ele, era preciso “arrancar esta flor do pântano”.

Na releitura desse trecho, nos remetemos imediatamente às considerações de Roberto Schwarz (2000b, p. 47), quando o pesquisador salienta sobre a necessidade de outros personagens na trama. Segundo o autor, “para dar vida ao protagonista foi preciso trazer à cena um elenco de personagens que em certo plano resumisse a sociedade nacional”. Certamente, para que, por meio da narrativa de Brás Cubas, se pudesse haver um esboço da sociedade do século XIX, a presença destes personagens validam as suas falas e ajudam a pormenorizar os costumes da época.

Tanto Nhã-Loló, como seu pai, são representantes de boa parte da sociedade que flutua entre as classes superiores e as consideradas economicamente inferiores. De acordo com Jessé Souza (2018, p. 17), em *A classe média no espelho*:

O trabalhador precário não se considera pobre, mas de classe média. Os pobres são apenas excluídos e marginalizados. A classe média real, por sua vez, se vê como “elite”, contribuindo para um autoengano fatal e de consequências terríveis para o destino da sociedade brasileira e da própria massa da classe média.

Como podemos observar com o trecho acima, todo aquele sentimento de superioridade de Nhã-Loló ainda está em triste latência até os dias atuais. Aparentar ser o que não é ainda é muito comum nas classes intermediárias, pois, traçando um paralelo com a contemporaneidade, o pai de Nhã-Loló, com seus “antigos costumes e afinidades sociais”, de acordo com Souza (2018), seria visto como “menos gente”, tipo de pessoa com a qual “não se travam amizades reais, não se casam, não se fazem negócios”. Por isso a urgência de Brás Cubas em retirar a “flor do pântano”.

Em suma, o problema brasileiro de remotos tempos se coaduna no seguinte fato: a ausência de consciência de classe. Os economicamente desfavorecidos, a todo custo, tentam se passar por burgueses; os burgueses, por sua vez, apreciam a caridade e “sentem pena dos mais pobres”, além de se sentirem a fina flor da elite. O ato de ajudar o de fora de sua roda social é visto como um favor concedido e como virtude para quem comete o ato, sendo a caridade uma das maiores artimanhas para os pseudo-heróis.

O trecho seguinte é extenso, mas de enorme importância para essa pesquisa. Com ele, conseguiremos um esboço detalhado do típico brasileiro do século XIX, aquele que, de acordo com John Gledson (2003, p. 125), seria um dos objetivos de Machado de Assis. Sobre isso, o crítico afirma: “ele queria retratar, em seus romances, a verdadeira natureza de toda uma sociedade”. Acompanhando essa assertiva, vejamos o trecho da obra machadiana:

Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modêlo. Argüiam-no de avareza, e cuide que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o *deficit*. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com freqüência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que êle só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que êsse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. A prova de que o Cotrim tinha sentimentos pios encontrava-se no seu amor aos filhos, e na dor que padeceu quando lhe morreu Sara, dali a alguns meses; prova irrefutável, acho eu, e não única. Era tesoureiro de uma confraria, e irmão de várias irmandades, e até irmão remido de uma destas, o que não se coaduna muito com a reputação da avareza; verdade é que o benefício não caíra no chão: a irmandade (de que êle fora juiz) mandara-lhe tirar o retrato a óleo. Não era perfeito, decerto; tinha, por exemplo, o sestro de mandar para os jornais a notícia de um ou outro benefício que praticava, — sestro repreensível ou não louvável, concordo; mas ele desculpava-se dizendo que as boas ações eram contagiosas, quando públicas; razão a que se não pode negar algum pêso. Creio mesmo (e nisto faço o seu maior elogio) que

ele não praticava, de quando em quando, esses benefícios senão com o fim de espertar a filantropia dos outros; e se tal era o intuito, força é confessar que a publicidade tornava-se uma condição *sine qua non*. Em suma, poderia dever algumas atenções, mas não devia um real a ninguém. (ASSIS, 1963, p. 171, grifo do autor)

Para que consigamos assimilar esse trecho é preciso que voltemos a nossa atenção para alguns termos, são eles: “modelo”, “avareza”, “bárbaro”, “contrabando” e “filantropia”, palavras essas que são interessantes para se construir um perfil.

Cotrim, para Brás Cubas, é um “modelo” de homem, que possui uma certa avareza. Mas, a avareza é vista como uma virtude, pois, mesmo sendo avarento, Cotrim consegue praticar a filantropia, que é amplamente divulgada, porém apenas para “espertar a filantropia dos outros”. Esse filantropo avaro ainda é contrabandista de negros, que, com certa frequência, eram enviados ao calabouço, “donde eles desciam a escorrer sangue”. Contudo, é possível notar que os enviados eram apenas “os perversos e os fujões”. Fato esse que “desmistifica” a alcunha de “bárbaro” concedida a Cotrim, pois o rapaz é apenas “puro efeito das relações sociais”.

O que notamos na obra machadiana é um excessivo esforço de Brás Cubas em atenuar as “virtudes” de Cotrim. Sobre esse fato, Roberto Schwarz (2000b, p. 75) chama a atenção sobre as “cumplicidades da classe dominante”⁹, detentora do poder e que se solidifica e se apoia em proveito próprio. Ainda de acordo com Schwarz (2000b), “Brás concede e até detalha as brutalidades do cunhado, mas no afã de explicá-las como parte da ordem, que é esta mesma, e ponto final”.

Isso demonstra a consciência de Brás Cubas sobre as mazelas sociais, que são legitimadas e praticadas pela casta oligárquica privilegiada. A respeito dessa consciência, John Gledson (2003, p. 85), quando discorre sobre Brás Cubas e a escravidão, principalmente na relação entre o protagonista e Prudêncio, aponta que, para Brás,

Está mais implicado na escravidão do que pensa- antecipando, poderíamos dizer que ela faz parte do seu inconsciente. Mas, naturalmente, pelo menos em termos do realismo histórico, não pode de maneira alguma perturbá-lo nenhuma perspectiva de mudança, de desaparecimento definitivo de algo tão natural para Brás.

⁹ Essa expressão inspirou parte do título deste trabalho.

Como podemos notar, o fato de Cotrim surrar negros apenas pelo determinismo de seu labor e esse ato ser validado por Brás Cubas somente comprova essa “cumplicidade de classes” proposta por Schwarz (2000b). Afinal, como recriminar o vergalho de Cotrim se o próprio Brás praticava colheradas na cabeça das negras e cavalgava sobre Prudêncio, chamando-o de “besta”?

Outro ponto que Roberto Schwarz (2000b) chama a atenção é sobre as origens de Brás Cubas e Cotrim. “Brás Cubas e Cotrim são tipos diversos, um “bem-nascido”, vivendo de rendas e com ambições intelectuais e políticas, o outro trabalhando selvagememente para ficar rico de qualquer maneira”. Existe, então, aí mais um ponto que os unem: a manutenção de suas posições sociais. Nesse contexto, entra o famigerado “jeitinho” que une os que têm o poder e os privilégios.

De acordo com Jessé Souza (2019), essas relações de “jeitinho” são exercidas por quem já possui um certo capital, sendo construídas sobre uma certa dependência mútua a partir do tradicional “quem indica”. Fato esse que podemos comprovar por meio da passagem na qual Brás concede a Cotrim “uns fornecimentos para o arsenal de marinha, fornecimentos que ele continuava a fazer com a maior pontualidade” (ASSIS, 1963, p. 189). Assim sendo, a classe média representada por Cotrim, e a oligarquia por Brás Cubas possuem uma relação de protecionismo desde largos tempos, tipo de solidariedade mútua que se mantém até os dias atuais.

Sobrevivendo e gozando dessa relação de “cumplicidade de classes”, Brás chega ao fim de sua vida no ano de 1869, alguns anos depois da Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, e alguns anos antes da Lei Áurea, em 1888, sua morte representando, de certa maneira, o fim das oligarquias escravocratas. O trecho que veremos abaixo é um balanço pós-morte da vida de Brás Cubas narrado pelo próprio Brás depois de morto. Vejamos:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (ASSIS, 1963, p. 199)

O título do capítulo, “Das Negativas”, é composto por dois únicos parágrafos. O trecho acima é um deles, vejamos em detalhes essa passagem: primeiramente, Brás Cubas não conseguiu a tão sonhada nomeada. O emplastro milagroso não vingou, e ele não viu “O emplastro Brás Cubas” nas prateleiras. O narrador não foi ministro, apenas um apagado deputado que não fez nada além de conseguir negócios para o cunhado Cotrim. “Não foi califa”, mesmo praticando a caridade e sendo inscrito em uma ordem de benfeitores. Sua religiosidade e sua bondade foram tão rasas que não lhe conferiram o título de sucessor de Maomé. Podemos constatar, assim, o quanto Brás Cubas foi inútil para a sociedade.

Os relacionamentos amorosos foram pífios. Com a espanhola Marcela, havia apenas a relação de interesse por parte da jovem. Com Eugênia, sua condição social abaixo da sua somado ao fato de ela ser bastarda e coxa (“Por que bonita, se coxa”), a “vênus manca” não conseguiu que nosso narrador prosseguisse com o compromisso. Com Nhã-Loló, a “flor da moita”, quando esteve prestes a ser arrancada do “pântano”, foi acometida pela febre-amarela e morreu no mesmo “pântano”. Restou apenas Virgília, com anos de um relacionamento adúltero, escondido em uma casinha afastada, para que fossem mantidas todas as posições morais e posicionamentos sociais da Sra. Neves. A Brás, restou o papel do ganhão que, no íntimo, se gabava pela relação adúltera. Seu egoísmo e egocentrismo o impediram de dividir a sua vida com uma companheira que com ele constituísse uma família.

Mas será que esse saldo foi apenas negativo para o defunto-autor? Coube ao narrador “a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto”, ou seja, a malandragem o acompanhou por toda vida. Brás também não teve “a morte de D. Plácida”, logo, não viveu e nem morreu na miséria, e nem sofreu com a servidão.

Por fim, o protagonista adverte o leitor que acha que ele não teve ganhos na vida: “qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e consequentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal”. Em seguida, vem a epifania de sua análise pós-morte: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

Esse momento é o ápice de sua tomada de consciência pós-morte. Brás finalmente entende que sua vida e seus desejos não foram concretizados. Seu egoísmo e seus privilégios o tornaram um ser ambicioso. Qual foi o seu saldo, então? Brás Cubas apenas herdou, não produziu nada, mas também não perdeu. Sua

contribuição para com a sociedade foi nula. A morte e a visão mais apuradas sobre os costumes e as cobranças sociais o fizeram enxergar o quanto sua vida foi vazia, e que o fardo de sua inutilidade é algo positivo. Além disso, a sua tomada de consciência sobre as mazelas do mundo, bem como suas inúmeras máculas pessoais, foi saldado, para ele, pelo fato de não ter gerado descendentes, estes não sofrerão o crivo do julgamento da sociedade da qual ele faz parte.

Analisando esse mesmo trecho, Roberto Schwarz (2000b) chama atenção para um detalhe de extrema importância que nos faz imediatamente perceber a forma representativa que o narrador se expõe na obra: quando o sociólogo averigua a mudança da primeira pessoa do singular para primeira pessoa do plural na frase “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Concluímos que essa miséria não é só do Brás Cubas, mas sim de toda a sociedade. Vejamos o que diz o pesquisador:

Preparada pelo *crescendo* escarninho no pólo das afirmações intoleráveis, valorizada mediante um travessão, a frase retumba e como que conclui o romance por uma afirmativa enfática (ainda que negativa), em ruptura com a constante relativização dos juízos implicada no princípio formal. Também a passagem da primeira pessoa do singular para o plural da “nossa miséria” parece indicar o salto a um plano diverso e mais grave, onde o defunto por fim deixasse as esquivas e a literatura, e assumisse a responsabilidade de dizer as coisas como elas são. A distância entre a rotina espirituosa da narrativa e este remate em *fortíssimo* de fato parece solicitar a interpretação metafísica do livro, que no seu fecho transcenderia os jogos da ficção e dos interesses individuais ou sociais, a bem da constatação da miséria dos humanos. (SCHWARZ, 2000b, p. 128, grifo do autor)

Como o próprio Schwarz (2000b) aborda, esse ato de abandonar as “esquivas e a literatura” se torna um chamado de Machado de Assis para uma leitura atenta do livro além de sua temática ficcional, como se o narrador, em sua última tentativa de mostrar o óbvio, literalmente dissesse ao leitor que a sociedade, a classe que ele ali representou e retratou, fosse composta apenas de misérias, sejam elas políticas, sociais ou humanas.

Quando chamamos atenção acima, para o ano da morte de Brás Cubas, nossa intenção foi relacionar a sua morte com o início das mudanças sociais que já vinham acontecendo no século XIX no Brasil. Esses saldos positivos e negativos que Brás expõem “alegoricamente” representam como essas mudanças, da escravatura para o abolicionismo, reverberaram no seio das classes sociais. De acordo com Jessé Souza (2019, p. 68):

Esses indivíduos, em sua maioria mestiços, sem outra fonte de riqueza que não sua habilidade e disposição de aprender os novos ofícios mecânicos, quase sempre como aprendizes de mestres e artesãos europeus, passaram a formar o elemento médio, sob a forma de uma meia-raça. Alguns desses mestiços, como o próprio Machado de Assis, passam a se aventurar no capital cultural mais valorizado ainda, não só o conhecimento do trabalhador mais qualificado de funções mecânicas repetitivas, mas do alto capital literário, a própria incorporação do “espírito” enquanto tal.

O ponto que Souza (2019) observa é que essa nova classe oriunda do processo de abolição começa a ocupar seus lugares na sociedade do século XIX. Essas transformações abalaram a estrutura organizacional dessa sociedade, logo, o momento da morte de Brás culmina com o momento dessas transições. Um momento em que as qualidades e talentos pessoais irão se sobrepor as heranças, como bem observa Jessé Souza (2019).

Logo, por meio desse narrador volúvel que Roberto Schwarz (2000b) nos apresenta, conseguimos vislumbrar a maneira como Brás Cubas se “veste” como burguês e de que forma ele exerce essa “malandragem” disfarçada de gentilezas e filosofias. Para desmascarar a sociedade do século XIX, o narrador, despido de seus pudores sociais, monta uma caricatura do burguês da sociedade fluminense: inútil, soberbo, amoral, protecionista, escravocrata, sob um belo disfarce de “benfeitor”, mas que, no seu íntimo, só busca o benefício próprio, a servilidade dos mais pobres e a “cumplicidade de classes”.

A inutilidade da vida de Brás Cubas, impulsionada pela sua malandragem, reflete à atual elite brasileira, que possui privilégios conseguidos através da servilidade e da “cumplicidade de classes”, que se sustentam sobre poderes opressores com o quais apenas contribuem para o aprofundamento das desigualdades sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desse percurso que fizemos, no qual, com o aporte teórico de mentes dedicadas à pesquisa e à análise literária, como Alfredo Bosi (1978), Antonio Candido (1979) e Roberto Schwarz (2000a e 2000b), que foram de suma importância para nosso trajeto argumentativo, podemos entender, caracterizar e configurar o malandro que buscávamos na figura de Brás Cubas. Entendemos que não era uma caricatura, um pícaro ou um típico estereotipo nacional.

Em nossa jornada, compreender a estrutura da sociedade do século XIX e visualizá-la na ficção de Machado de Assis abriram um caminho para encontrá-la na contemporaneidade. Por meio de uma visão empreendida por esses objetivos que encontramos nas obras de Jessé Souza (2018 e 2019) a fortuna crítica adequada. Saber que essas sociedades continuam tão idênticas nos faz refletir sobre o quão pouco evoluímos.

Conseguir compreender que Machado de Assis, ao contrário do que alguns críticos literários argumentam, explanando que em sua prosa era ausente as denúncias e críticas, podemos constatar que a sociedade brasileira do século XIX foi descarnada pelo autor, pois, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, podemos ver a ambiguidade e a ironia machadiana em seu puro estado, sendo utilizada para retratar e desmascarar uma sociedade injusta e cheia de privilégios.

A leitura da obra, amparada ao aporte teórico, nos revelou, através da sua personagem Brás Cubas, a construção do malandro burguês que tanto buscávamos. Aquele indivíduo que pertence à alta sociedade fluminense do século XIX, e que, ao longo do enredo, o narrador machadiano vai desnudando, mostrando os mais perversos costumes e veleidades desse burguês.

Vemos o quanto esse narrador volúvel impõe suas vontades e perversidades de forma tão simples e descontraída que aparenta ser bem humorada. Quando, na verdade, esse humor serve apenas de cortina para as reais intenções do autor.

Essas intenções revelam uma sociedade corroída e decadente, que, após o processo de abolição da escravatura, presenciou o nascimento de um povo oprimido (negros e mulatos), os quais foram libertos e jogados na comunidade sem apoio nenhum, que, até os anos atuais, sofrem por conta deste abandono que os impedem de ter iguais oportunidades de educação, saúde e emprego.

Com a narrativa de Brás Cubas, conseguimos ver a denúncia da escravidão, a servilidade dos mais pobres e como esse burguês toma proveito dessa servidão. Vimos, então, como os agregados foram se formando em nossa sociedade, e como pouco a pouco eles foram tomando seu lugar de direito, angariando, paulatinamente, condições dignas de sobrevivência na sociedade livre que estava se formando.

O malandro burguês Brás Cubas, apoiado em seus privilégios que a cumplicidade de classe lhe concedeu, em toda a narrativa, sabe que é malandro. Suas contradições e imposições de vontade, aliadas a sua condição de defunto-autor, o concede a liberdade do crivo do julgamento social, e esse foi o artifício literário que Machado de Assis utilizou para mostrar em *Memórias póstumas de Brás Cubas* que o malandro burguês brasileiro é fruto de uma sociedade fundada na escravidão, na qual não soube o que fazer quando perdeu seus “servidores”, e a solução foi mantê-los como seus agregados, e, em seguida, elevá-los à nomenclatura de classe média.

Essa classe média, que continua até hoje com o seu fardo de servidão e trabalha para enriquecer o seu “benfeitor”, este ainda se encontrando na elite. O malandro burguês de hoje é o político ou o banqueiro, e nós ainda somos frutos dos negros que foram largados sem apoio, sem educação e sem dignidade.

Essa pesquisa deixa lacunas que o tempo e as limitações de uma escrita monográfica não nos permitiu preencher, tais como: pesquisar a fundo o modo como Machado de Assis retrata a escravidão e as questões das políticas brasileiras abordadas sob um aspecto que, até o presente dia, só nos mostra a corrupção e o descaso. A forma como as mulheres são expostas na obra também é uma lacuna a ser preenchida. Marcela, à frente de seu tempo, Eugênia, com sua altivez, e Virgília, ao parecer social.

Por fim, como motivação pessoal, nos propusemos a entender a origem de nossa sociedade atual. Nossa sociedade se originou na exploração dos negros, que se transformaram em agregados e, atualmente, são uma classe média encoberta como rica. Mas que, na realidade, é apenas dominada pelo malandro burguês atual, que se utiliza da mídia para manter a servidão daqueles que ainda continuam sendo os frutos jogados na rua pela escravidão. Malandro que a todo custo tenta manter seus privilégios e, para que isso ocorra, utiliza da “cumplicidade de classes”, a fim de manter o pobre com o seu *status* e a classe média trabalhando em seu benefício, sob a promessa de um dia se tornar também um malandro burguês privilegiado.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A vida passada a limpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 5 ed. São Paulo: Cultrix, 1963.
- BOSI, Alfredo. *et al.* **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 35. ed. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BROCA, Brito. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. v. 1. São Paulo: Ática, 1989.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 8, 1970, p. 67-89.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Duas cidades, 1977.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. 48. ed. Pernambuco: Global, 2003.
- GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- GOTO, Roberto. **Malandragem revisitada: uma leitura ideológica de “Dialética da malandragem”**. Campinas/SP: Pontes, 1988.
- MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. São Paulo: Ática, 1982.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000a.
- SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?: ensaios**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do Capitalismo**: Machado de Assis. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000b.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho**: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jesse. **A elite do atraso**: da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1915.